

FREUD E SCHOPENHAUER: APROXIMAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE PULSÃO E VONTADE

Freud and Schopenhauer: similarities between the concepts of drive and will

GUIMARÃES, C.

Recebimento: 04/11/2012 - Aceite: 20/11/2013

RESUMO: Este artigo tem como objetivo realizar uma aproximação entre o conceito de vontade de Schopenhauer e o conceito de pulsão de Freud. Para isso, foram utilizadas as seguintes obras para a análise comparativa: de Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*; e de Freud: *Uma neurose infantil*; *Além do princípio de prazer*; *Psicologia de grupo*; *O Ego e o Id*; *Um estudo autobiográfico*, *Inibições, sintomas e ansiedade*, *Análise leiga*; *Moisés e o monoteísmo*, *Esboço de psicanálise*. Buscou-se os principais pontos de convergência na obra dos autores, iniciando pela busca do que Freud entende e discute sobre filosofia em geral, e também especificamente sobre a obra de Schopenhauer. Alguns trechos em que o próprio psicanalista afirma uma similaridade entre a filosofia e a psicanálise, foram encontrados, principalmente em relação à obra de Schopenhauer. Sobre a aproximação de seus conceitos, percebeu-se que eles convergem, embora a vontade de Schopenhauer tenha um aspecto mais amplo do que a pulsão de Freud. Mas elas se conectam, principalmente quando tratam de pulsão de morte (Freud), sofrimento (Schopenhauer), aprisionamento e libertação e da noção de inconsciente (Freud) e não consciente (Schopenhauer).

Palavras-chave: Schopenhauer. Vontade. Pulsão. Freud.

ABSTRACT: This article aims to achieve an approximation between Schopenhauer's concept of will and Freud's concept of drive, so that the following works for comparative analysis were used: Schopenhauer's *"The World as Will and Representation"* and Freud's texts *"An Infantile Neurosis"*, *"Beyond the Pleasure Principle"*, *"The Ego and the Id"*, *"An Autobiographical Study"*, *"The Question of Lay Analysis"*, *"Moses and Monotheism, Introduction to Psychoanalysis"*. We sought the main convergent points between both authors,

beginning with Freud's understanding and discussion of general philosophy and specifically of Schopenhauer's work. We found some passages in which the psychoanalyst himself states the similarity between philosophy and psychoanalysis, mainly regarding Schopenhauer's work. Regarding the relation of their concepts, we noticed that they converge, although Schopenhauer's Will shows a broader characteristic than Freud's drive, yet they connect with each other, mainly when dealing with death drive (Freud), suffering (Schopenhauer), imprisonment and Liberation, and the notion of unconscious (Freud) and not conscious (Schopenhauer).

Keywords: Schopenhauer. Will. Drive. Freud.

Introdução

A filosofia sempre esteve presente, enquanto campo epistemológico, desde os primórdios da psicologia (SCHULTZ; SCHULTZ, 1992, p. 18). Entretanto, neste artigo trataremos especificamente da relação entre a filosofia e a psicanálise, que é um campo de conhecimento da psicologia. Nossa proposta é a de estudar, mais especificamente, a relação entre a filosofia de Schopenhauer e a psicanálise freudiana. Nesse sentido, segundo Fonseca (2009), o conceito de Pulsão (*Trieb*) é um dos pontos de partida iniciais para discutir a relação entre filosofia e psicanálise, e nós partiremos daí. Mas apesar deste conceito ter sido esmiuçado por vários filósofos (LOPARIC, 2006; SAFATLE e MANZI FILHO, 2008; PISANI, 2006), após o advento da psicanálise, Freud (1959) fez severas críticas à filosofia em toda sua obra. Em uma de suas afirmações, por exemplo, diz que a filosofia deveria ser um campo de conhecimento da psicanálise. Dessa forma, podemos dizer que a filosofia é entendida por Freud como um campo do conhecimento que se afasta da ciência, pois os filósofos registraram em seus escritos seus pensamentos e experiências reais (FREUD, 2006e), vinculando-se a uma demanda afetiva inconsciente e se transformando em objeto de sua própria personalidade pulsional.

Nesse contexto, Freud afirma que a filosofia sempre se ocupou do problema do inconsciente, mas, apesar disso,

Essas atitudes são oriundas de terem os filósofos julgado o inconsciente sem conhecer antes os fenômenos das atividades anímicas inconscientes, e em consequência sem suspeitar da sua extraordinária afinidade com os fenômenos conscientes, nem dos caracteres que deles os diferenciam, (FREUD, 1959, p. 208).

Para o autor, a saída para a filosofia seria tornar-se objeto de estudo da psicanálise, pois os sistemas filosóficos seriam apenas obras resultantes de indivíduos de personalidades marcantes. Nesse sentido, a psicanálise permitiria aos indivíduos acessarem suas unidades afetivas, sendo possível perceber as motivações subjetivas e individuais das teorias filosóficas, assim como seria igualmente possível perceber a personalidade dos autores registrada em suas obras artísticas (FREUD, 1959). Freud também defende que os filósofos encontraram dificuldade em acreditar na existência de pensamentos inconscientes, pois isso implicaria em aceitar uma “consciência inconsciente”. (FREUD, 1959, p. 393).

Mas não temam os senhores que isso nos precipite nas profundezas da mais obscura filosofia. Nosso inconsciente não é de modo algum idêntico ao dos filósofos, e

além disso, a maioria destes nada quer saber sobre algo “psíquico inconsciente”. (FREUD, 2006, p.165).

Apesar de criticar a filosofia, Freud realiza uma espécie de contraponto entre a filosofia e a psicanálise, comparando sempre os dois campos do conhecimento. Segundo Fonseca, essa relação se dá por Freud ter Schopenhauer como uma espécie de mediador entre a filosofia e a psicanálise, e nesse sentido, afirma: “[...] inclusive a crítica freudiana à filosofia, [...] é praticamente um sumário das opiniões de Schopenhauer a respeito da filosofia universitária e do consciencialismo filosófico.” (FONSECA, 2009, p. 23). Para corroborar essa afirmação, o autor aponta uma aproximação entre os conceitos de pulsão de Freud (*trieb*) e de vontade (*will*) de Schopenhauer. Contudo, apesar da resistência de Freud em assegurar seu distanciamento da filosofia, ao afirmar que, mesmo quando se afastou da clínica e se concentrou em teorizações, evitou “[...] cuidadosamente qualquer contato com a filosofia propriamente dita[...]” (FREUD, 2006h, p. 37), Fonseca conclui que não há como negar a similaridade entre a psicanálise freudiana e a filosofia, mais especificamente, a filosofia schopenhauriana.

Sobre Schopenhauer, Freud (2006h, p. 37) afirma no *Estudo autobiográfico* de 1925-1926, que:

O alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer – ele não somente afirma o domínio das emoções e a suprema importância da sexualidade, mas também estava até mesmo cômico do mecanismo da repressão – não deve ser remetida à minha familiaridade com seus ensinamentos. Li Schopenhauer muito tarde em minha vida. Nietzsche, outro filósofo cujas conjecturas e intuições amiúde concordam, da forma mais surpreendente, com os laboriosos achados da psicanálise, por muito tempo foi evitado por mim, justamente por isso mesmo; eu

estava menos preocupado com a questão da prioridade do que em manter minha mente desimpedida.

Esta afirmação demonstra que, apesar de reconhecer certa similaridade entre ambos os campos do conhecimento, o psicanalista tenta delimitar e separar-se da filosofia. De acordo com Fonseca (2009, p. 29), uma distinção semelhante também foi feita por Schopenhauer no texto *Sobre a vontade da Natureza*, em 1835, no qual o filósofo faz uma distinção entre a filosofia e outras ciências. “O objetivo desse escrito seria a doutrina da vontade pelas descobertas das ciências naturais, e a chancela *a posteriori* das ciências serviria como resposta ao descrédito desferido por Schopenhauer aos filósofos de profissão.”

O conceito freudiano de Pulsão

Para lidarmos com o conceito de pulsão, é necessário antes debater a teoria psicanalítica de Freud, mais especificamente, a teoria da personalidade, que é constituída por três instâncias: Id, Ego e Superego. Podemos dizer que o Id seria formado pelos impulsos inatos e pelas energias (pulsões) que compõem o indivíduo: “[...] o id não é socializado, não respeita convenções, e as energias que o constituem buscam a satisfação incondicional do organismo.” (CUNHA, 2000, p. 14). Sendo assim, o Id é inato, pois nasce com o sujeito, e é nele que podemos encontrar as pulsões (CUNHA, 2000, p. 14). O Ego, por sua vez, se desenvolve durante a vida do sujeito; ele é o *self* do indivíduo, seria responsável por estabelecer contato dos seres com o ambiente em que vivem, e é por meio dele que conseguimos viver de acordo com as regras sociais. Essa instância estaria situada na “ponta do iceberg”¹, aquilo que está mais visível no ser humano.

É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motili-

dade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos (FREUD, 2006g, p. 10).

Já o Superego é responsável pela acumulação das regras sociais. Por meio dele, o sujeito assimila todas as normas que lhe são ensinadas, inicialmente, pela família e posteriormente, pela sociedade. Freud (2006g, p. 20) afirma:

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetivas do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas.” Segundo o autor, devemos entender que “[...] se considerarmos mais uma vez a origem do superego, tal como a descrevemos, reconheceremos que ele é o resultado de dois fatores altamente importantes, um de natureza biológica e outro de natureza histórica (FREUD, 2006g, p. 20).

A psicanálise freudiana discute o percurso dos impulsos gerados no Id e das restrições que o Superego lhes impõe. Muitas vezes, as informações que são geradas no Id não chegam ao Ego, sendo contidas pelo Superego, que agiria como uma espécie de protetor do Ego, assegurando que as pulsões liberadas pelo Id não atrapalhem a vida dos sujeitos em suas relações sociais. Sendo assim, podemos dizer que o Superego certifica que o indivíduo cumpra todas as regras sociais estabelecidas pela sociedade. Dessa forma, as pulsões geradas no Id não são conscientes para o ego. O sujeito viveria alheio à existência do Id e de suas pulsões, pois é no inconsciente que estão as informações que o Ego não consegue acessar. A repressão das pulsões tem o objetivo de assegurar o cumprimento das normas sociais internalizadas pelo sujeito. Dessa forma, o autor demonstra a fragilidade do ser humano diante de si mesmo. (CUNHA, 2000, p. 15).

A pulsão, segundo Garcia-Roza (1986), seria fundamental para perversão do instinto, que tem como finalidade mais básica a autopreservação (assegurar a vida). Nesse sentido, o papel da perversão seria modificar a sua natureza e afastá-lo daquilo que o impede: a morte. A pulsão, em contraposição ao instinto, possui uma característica biológica, inserindo-se no psiquismo do sujeito por meio de estímulos lançados por órgãos – ou algumas regiões do corpo –, conectando-se, assim, com a psique humana. Como ela não buscaria a preservação da vida, seria sempre uma pulsão de morte, um esforço do homem para voltar ao seu estado inicial, biológico e inanimado. E buscaria sempre a satisfação de seus desejos, pois necessita reviver a satisfação original obtida em uma espécie de pré-vida (vivência anterior ao ato de se tornar humano). Essa necessidade gerou mecanismos pulsionais criados para despistar o Superego e conectar-se com o Ego. Funcionaria, então, por meio de falhas ocorridas no Superego ou em estados de sublimação (GARCIA-ROZA, 1986).

Freud (1959) apresenta o conceito de repetição para incrementar a teoria de pulsão. Nesse sentido, diz que a repetição consiste em reviver os recalques vividos anteriormente, pois o sujeito não recorda ou não tem acesso a situações que lhe causem sofrimento. Para o autor, existe uma diferença entre a repetição e a recordação. A repetição não é consciente, seria uma forma de resistência e funciona por meio da reprodução de experiências anteriores, muitas vezes, arcaicas ou infantis. Sendo assim, a pulsão de morte pode ser explicada por meio da repetição e demonstra a necessidade do indivíduo de retornar ao seu estágio inicial – “repetição é a característica própria da pulsão” –, nesse sentido, viver é caminhar para a morte. Já a pulsão de vida – ao contrário da pulsão de morte – trabalha para evitar que o sujeito interrompa sua vida antes do

momento ideal (de acordo com a natureza), para que possa morrer por causas naturais. (GARCIA-ROZA, 1986, p. 25).

A definição de vontade schopenhauriana

Assim como Freud (1959), Schopenhauer (2001) também apresenta a noção de inconsciente². Para ele, o ser humano não é responsável por seus atos, pois está sempre sujeito à subjetivação da vontade. Segundo o autor, fora da vontade e da representação não existe a possibilidade de formulação do pensamento. Nesse sentido, quando tentamos atribuir uma realidade ao mundo, fazemos uso da representação; assim, ao analisar com distanciamento as ações dos indivíduos, percebe-se que elas são um ato da vontade. O homem possui racionalidade, todavia, ela está aprisionada à sua constituição biológica. A essência do homem – ou vontade – é a própria vontade e, nesse sentido, é fundamental que ele aprenda a identificá-la, com o intuito de diferenciar a vontade de outras subjetivações. (SCHOPENHAUER, 2001).

A vontade está diretamente relacionada às representações do mundo e também pode ser entendida como o princípio da individuação³, que pode ser definido como a divisão entre homem e objeto. Assim, a razão do homem está dominada por princípios *embutidos a priori* e sua consciência está condicionada às noções de tempo, causalidade e espaço. Essas noções permitem-lhe interagir e conhecer o mundo que o rodeia. Outro mecanismo da vontade é a matéria, que consiste nos movimentos⁴ cotidianos que resultam na pluralidade das ações, podendo ser percebidos por meio da relação entre o tempo e o espaço.

Para entender e perceber o mundo, o homem necessita da causalidade, que dá ao sujeito a possibilidade de construir metáforas e entender o mundo. A causalidade é uma fun-

ção fisiológica do corpo humano, controlada pelo cérebro (SCHOPENHAUER, 2001, p. 137). Sendo assim, podemos dizer que:

Poder-se-ia continuar até o infinito com estas experiências sobre a mesma matéria, e ver-se-iam as forças naturais, ora uma, ora outra, apoderar-se dela e invadi-la para aí manifestar a sua essência. A determinação deste direito que a força oculta tem sobre a matéria, o ponto do tempo e do espaço em que ela o faz valor, é o que a lei da causalidade nos dá; mas a explicação fundada nela só pode ir até aí (SCHOPENHAUER, 2001, p. 144).

Ao apresentar concepções acerca das relações entre tempo, espaço e causalidade, Schopenhauer permite que o homem construa a sua subjetividade quando afirma que este possui representações intuitivas e abstratas. Essa característica permite que o homem elabore conceitos e crie uma noção de pseudoliberalidade⁵.

O conhecimento que tenho da minha vontade, embora imediato, é inseparável do conhecimento que tenho do meu corpo. Não conheço minha vontade na sua totalidade; não a conheço na sua unidade mais do que a conheço perfeitamente na sua essência; ela apenas me aparece nos seus atos isolados, por consequência no tempo, que é a forma fenomenal do meu corpo, como de todo objeto: além disso, o meu corpo é a condição do conhecimento da minha vontade (SCHOPENHAUER, 2001, p. 111).

A vontade é inerente ao ser, entretanto, não é fácil para o sujeito perceber-se enquanto vontade. Assim, pode-se possuir, ao mesmo tempo, abstração e objetivação. Nesse sentido, Asdurian (2010, p. 90) diz que existe “[...] uma atuação recíproca entre a vontade e o intelecto”. O intelecto regula a ação (objetivação) e atua de acordo com a vontade;

por meio dele, justificam-se as ações postuladas pela razão. Dessa forma, Schopenhauer afirma que as justificativas são desculpas da razão para encobrir a vontade, pois quando há ausência delas e, por conseguinte, da atuação do intelecto, encontra-se a “atuação livre da vontade”, que pode ser chamada de delírio ou loucura (SCHOPENHAUER, 2001).

Schopenhauer e Freud: Aproximações entre os conceitos de vontade e pulsão.

Neste entretítulo pretendemos relacionar a obra de Freud e Schopenhauer no que tange aos conceitos de pulsão e verdade. Para relacionar suas obras, iniciaremos pela vontade, pois Schopenhauer discute as dificuldades do ser em perceber-se enquanto vontade, traçando um diálogo com o problema do querer e da dependência do indivíduo na subjetividade, facilitando, assim, o entendimento da questão da **percepção de si mesmo**. Para o autor, o mundo se relaciona com o ser humano pelos sentidos – que interpretam os sinais da representação. Assim, o mundo seria representação e vontade, ou seja, tudo o que está vivo agiria por um ato da vontade. Dessa forma, podemos dizer que:

O conceito de vontade [...] é um elemento metafísico que preenche plenamente a relação causa-efeito, se deus for excluído como causa primeira para todas as coisas e também para a vida (ASDURIAN, 2010, p. 87).

A vontade antecede a necessidade de se fazer representar por meio de um objeto. Nesse ínterim, surge a construção de uma individualidade humana, que seria a objetivação da vontade. Nesse contexto, o conceito de vontade em Schopenhauer pode ser entendido como uma não consciência, ou até como o inconsciente que não é acessado pelo sujeito;

para tanto, o filósofo tece a noção de conservação, que consiste na necessidade de manter a individualidade do indivíduo. O conceito de inconsciente de Freud e o de não consciente de Schopenhauer convergem quando entendem que o homem é regido pela vontade ou pela pulsão, pois o homem constrói uma racionalidade irreal, que opera em sua região de conforto emocional, que Freud chama de Eu racional. (DAMASCENO, 2005; FREUD, 2006a; SCHOPENHAUER, 2001).

O Eu racional, para Freud, seria responsável pela manutenção da integridade do indivíduo, um mediador entre os atos e os interesses constituídos pela pulsão (DAMASCENO, 2005). Em contrapartida, a noção de conservação de Schopenhauer protegeria a individualidade do homem, seria ela mantida pelo que Freud chamaria de Superego. Esta relação estabelecida pelo consciente é citada por Freud (1959), no capítulo “Metapsicologia”, ao dizer que: “Chamaremos, pois, consciente, à representação que se acha presente em nossa consciência e é objeto de nossa percepção”. Já o inconsciente, o autor o define como “[...] aquelas representações latentes que nos dão algum fundamento para suspeitarmos que se acham contidas na vida anímica, como acontecia na memória.” (FREUD, 1959, p. 391-392). Nesse sentido, diz que a existência do inconsciente é incontestável, pois ela é baseada em provas e indícios concretos. Sendo assim, para compreender essas etapas de provas e indícios, seria necessário, então, assimilar as ideias de consciente, pré-consciente e inconsciente. O pré-consciente consiste nas ideias latentes que conseguem alcançar a consciência. Já aquelas que não conseguem são chamadas de inconsciente (FREUD, 1959, p. 394-396). O pré-consciente é o quase consciente, é aquele que intermedeia as forças do Id para o Ego, estando mais próximo dele do que do Id. O Superego, por sua vez, auxilia na repressão das pulsões, pois “[...] as pulsões,

precisamente por serem energias, continuam a pressionar o superego para chegar ao nível consciente[...]” (CUNHA, 2000, p. 15). Da tentativa de manifestação do Id e da repressão do Superego surgem alguns fenômenos da vida psíquica, tais como: os sonhos, atos falhos, sublimação e as neuroses.

O sonho seria o resultado da luta entre o Id e o Superego, trazendo à baila todos os desejos reprimidos. Sendo assim, podemos dizer que sonhar é realizar os desejos reprimidos. Contudo, a atmosfera onírica dos sonhos nos impede de entender com clareza os desejos inconscientes, e esse mecanismo é uma ação de contenção realizada pelo Superego. Com o objetivo de aliviar a tensão, negocia um acordo com o Id para aliviar a pressão causada pelas pulsões. Dessa forma, o Id conquista pequenas realizações, sem comprometer a consciência. O ato falho é uma delas, pois funciona de modo semelhante ao sonho e é um processo no qual escapam indicações de desejos reprimidos, satisfações escondidas em pequenos lapsos momentâneos (CUNHA, 2000; FREUD, 2006a).

Já a neurose é a maior forma de alívio do Id, e consiste em um fenômeno que se manifesta por meio do sofrimento. O sujeito até sabe que existe algo de errado com ele, mas não consegue identificar o que é, pois a energia reprimida no Id é inatingível. O sujeito se sente angustiado e tem pensamentos ou atos recorrentes, pois a neurose funciona como uma espécie de tentativa de fuga das energias do Id, é uma falha, um desequilíbrio que se manifestaria na vida do indivíduo (CUNHA, 2000). A neurose, assim como outros desequilíbrios psíquicos, assume – tanto para Freud quanto para Schopenhauer – o caráter de libertação da vontade ou da pulsão. Contudo, Freud (1959) entende a neurose como uma falha que gera a liberação de pulsões, ao passo que Schopenhauer percebe a loucura como uma libertação da vontade.

Para Schopenhauer (2001), a vontade domina o indivíduo, por meio da atuação do querer, causando muito sofrimento. Já na loucura, não existe a possibilidade do sofrimento, pois o sujeito é guiado pela vontade, ele se liberta. Um dos pontos centrais da obra do autor está na constatação de que “viver é sofrer”, e por essa afirmação é tido por muitos autores como pessimista, pois defende a concepção de que “[...] todo ser brota da carência, da insuficiência e do sofrer” (ASDURIAN, 2010, p. 93).

Segundo o autor, o indivíduo estaria em uma constante busca, sempre desejando algo novo. Todavia, não existe no mundo nada que possa preenchê-lo completamente, resultando em uma busca constante e sem fim. Assim, a procura incessante pelo sentido da vida tornaria viver um verdadeiro sofrimento. O ser humano seria, então, um “escravo de sua própria vontade”. Vontade essa geradora do querer e do egoísmo, ambos responsáveis pelo sofrimento.

O *egoísmo*, de acordo com sua natureza, é sem limites: o homem quer conservar incondicionalmente sua existência, a quer incondicionalmente livre da dor à qual também pertence toda penúria e privação, quer a maior soma possível de bem-estar, quer todo gozo de que é capaz e procura, ainda, desenvolver em si outras aptidões de gozo. Tudo o que se opõe ao esforço de seu egoísmo excita sua má vontade, ira e ódio; procurará aniquilá-lo como a seu inimigo. Quer, o quanto possível, desfrutar tudo, ter tudo. Porém, como isto é impossível, quer, pelo menos, dominar tudo. ”Tudo para mim e nada para o outro” é sua palavra de ordem. O egoísmo é colossal, ele comanda o mundo. Se fosse dado pois a um indivíduo escolher entre a sua própria aniquilação e a do mundo, nem preciso dizer para onde a maioria se inclinaria. De acordo com isso, cada qual se toma pelo centro do mundo, relaciona

tudo a si próprio e relacionará aquilo que acontece – por exemplo, as grandes mudanças no destino dos povos – afinal ao *seu* interesse e pensará antes de tudo nele, por pequeno e mediato que seja (SCHOPENHAUER 2001, p. 121, apud BARBOSA, 2008, p. 121).

Para Schopenhauer (2001), a vontade é a causa de todo o sofrimento no homem, pois o querer é infinito e provoca uma insatisfação profunda no indivíduo. Dessa forma, a dor e o sofrimento são constantes, e a felicidade é momentânea. Acerca do sofrimento, o filósofo discorre:

Mas o que descobrimos na natureza desprovida de inteligência, à força de atenção penetrante e concentrada, salta-nos aos olhos, no mundo dos seres inteligentes, no reino animal, onde é fácil ver que a dor não se interrompe. Todavia, não nos demoremos nesses graus intermediários: cheguemos a essa altura em que tudo se ilumina com a luz da inteligência mais perfeita, ao homem. Porque, à medida que a vontade reveste uma forma fenomenal mais conseguida, também o sofrimento se torna mais evidente. Nas plantas, ainda não há sensibilidade: por conseguinte, não há dor; nos animais mais ínfimos, os infusórios e os radiários, apenas um fraco começo de sofrimento, mesmo nos insetos, a faculdade de receber impressões e de sofrê-las é ainda muito limitada. É preciso chegar aos vertebrados, com o seu sistema nervoso completo, para vê-lo aumentar ao mesmo passo da inteligência. Assim, conforme o conhecimento se ilumina, a consciência se eleva, a desgraça também vai crescendo; é no homem que ela atinge o seu mais alto grau, e aí também se eleva tanto mais quanto o indivíduo tem uma visão mais clara e mais inteligente: é aquele em que o gênio reside que mais sofre (SCHOPENHAUER, 2001, p.325).

Assim, podemos dizer que o sofrimento é inerente ao homem, e a única coisa que pode mudar nesse trajeto de vida é o grau desse sofrimento, que varia de acordo com a objetivação consciente no indivíduo. A consciência da vida e da morte aumenta a angústia e o sofrimento, pois o homem vive à espera da morte, por isso, viver é oscilar entre esses dois polos: sofrimento e tédio. A representação social dessa contraposição está nos dias da semana (trabalho/descanso – sofrimento/tédio) e o domingo⁶ ou na oposição entre o céu e o inferno –, pois todo o sofrimento foi destinado ao inferno e a felicidade ao céu.

E, aliás, de onde Dante tirou os elementos do seu *Inferno*, senão deste mundo real? Na verdade, fez dele um *Inferno* bastante apresentável. Mas quando se tratou de fazer um *Céu*, de lhe descrever as alegrias, então a dificuldade foi insuperável: o nosso mundo não lhe fornece nenhum material (SCHOPENHAUER, 2001, p. 341).

O reconhecimento do sofrimento e da relação da vida e da morte é mais um ponto de convergência entre Freud e Schopenhauer, pois o psicanalista diz que a pulsão de morte é o objetivo da vida. Nesse sentido, viver significa convergir para a morte. Já Schopenhauer defende que viver é esperar a morte, pois ela é a única possibilidade de alívio do sofrimento. Freud (1959), assim como o filósofo, também discorre sobre o sofrimento quando retrata a compulsão pela repetição, a repressão do Id pelo Superego e as enfermidades da psique humana.

A forma que Schopenhauer encontrou de definir o inconsciente está na sua submissão à vontade – coisa em si. Por isso não podemos dizer que o inconsciente para Freud e Schopenhauer tem o mesmo significado – pois a vontade não possui o mesmo tipo de consciência apontada na obra de Freud. Podemos dizer, então, que ambos os conceitos de inconsciente têm similaridade. Dessa

forma, podemos entender a vontade e sua representação (objetivação da vontade) como a não consciência do indivíduo em sua vida ou papel social que representa.

Em relação ao inconsciente, Schopenhauer diz:

[...] na realidade o processo de nossos pensamentos interiores não é tão simples como na sua teoria, pois aí muitas coisas estão imbricadas. Para que tenhamos uma ideia disso, comparemos nossa consciência com uma água de alguma profundidade: os pensamentos claramente conscientes constituem a superfície; a massa da água, pelo contrário, é formada pelos pensamentos confusos, os sentimentos, os ecos da intuição e das experiências, perpassados pela disposição de nossa vontade que é o núcleo de nosso ser (SCHOPENHAUER, 1993, VII, p.175 apud SAFATLE; MANZI FILHO, 2008, p. 119).

Para Schopenhauer, a metáfora sobre a água demonstra a relação entre o consciente e o inconsciente como fenômenos da vontade. Tanto Freud quanto Schopenhauer debruçam-se sobre a questão do inconsciente, aproximam-se, principalmente, quando afirmam que a vida é um direcionamento para a morte (Freud e a pulsão de morte) ou que o sofrimento só seria aliviado com a morte do sujeito. A filosofia de Schopenhauer é bem mais ampla do que a psicanálise de Freud; a metafísica da vontade seria um inconsciente do mundo, de todos os seres vivos e não, unicamente, dos seres humanos. Ao contrário de Freud, que parece se preocupar demais em tornar a psicanálise uma ciência.

Conclusão

Conclui-se que existe uma proximidade entre as obras de Schopenhauer e de Freud, pois ambos tratam do inconsciente. Todavia,

Schopenhauer descreve a vontade como um fenômeno amplo, ao passo que Freud limita sua pulsão aos seres humanos. O inconsciente para Freud é, comparativamente, uma pequena centelha perto da abrangência da metafísica da vontade de Schopenhauer, pois um se debruça sobre o indivíduo e o outro expande sua metafísica para o universo. Os autores se aproximam quando tratam da pulsão de morte e do sofrimento causado pela vontade; apontam a inevitabilidade da solidão do indivíduo e negam a possibilidade de um ser humano racional. Ambos entendem que existe uma espécie de aprisionamento na pulsão e na vontade, tanto que essa luta constante de controlar o homem causa esse sofrimento citado acima, que pode ser encontrado na pulsão que é controlada pelo Superego e na vontade gerada pelo querer. Os autores convergem quando entendem que existe libertação na pulsão e na vontade, no descontrole que Schopenhauer chama de loucura, pois entende que livres são aqueles que vivem sem o sofrimento causado pelo querer; entregam sua existência à mercê da própria vontade. A questão da morte é outra similaridade na obra dos autores, pois Schopenhauer afirma que vivemos à espera da morte e que ao tomar consciência dessa morte geramos sofrimento. Já Freud entende que na pulsão de morte o objetivo da vida é morrer. Então, ambos defendem que a morte tem um papel primordial na vida, pois ela é o fim último de nossa existência.

Percebe-se, pelo exposto, uma possibilidade real de diálogo entre a filosofia e a psicanálise, talvez até maior do que com outras abordagens da psicologia. Talvez seja por isso que encontramos constantemente comentários sobre a filosofia na obra de Freud, tanto críticas, quanto elucidações. Também percebemos que Freud cita o termo “filosofia”, pelo menos, 81 vezes em sua obra, o que demonstra que o próprio autor se preocupa com esse campo do conhecimento, embora o

critique muitas vezes. Em nosso entendimento, essas críticas fazem parte da delimitação do que é uma ciência, que seria dizer tudo aquilo que ela não é. A preocupação de Freud em afirmar a psicanálise como uma ciência é pungente em sua obra, logo, coube ao autor demonstrar as diferenças entre a filosofia e a psicanálise, como no trecho abaixo.

Pode parecer que essa disputa entre Psicanálise e Filosofia fosse apenas uma frívola questão de definição – se o nome “psíquico” deve ser aplicado a uma ou outra sequência de fenômenos. Na realidade, porém, este passo tornou-se da mais alta significação. Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além das sequências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência (FREUD, 2006i, p.99).

Este trecho demonstra a necessidade do autor de afirmar a psicanálise enquanto ciência e coloca a filosofia e a psicanálise em disputa, mostrando, mais uma vez, a delimitação do campo científico. O diálogo entre a obra dos autores abriu precedente para inúmeros outros diálogos posteriores, são filósofos que tratam de questões psicanalíticas e psicanalistas que trazem à baila questões filosóficas para corroborar suas teorias. Damasceno (2005) diz que Freud citou em sua obra quinze vezes as teorias de Schopenhauer, o que ocasionou algumas acusações de plágio realizadas por alguns

epistemólogos. Para o autor, a semelhança entre alguns conceitos deixa claro que Freud entrou em contato com o livro *O mundo como vontade e representação*. Essa similaridade fica clara, principalmente, quando Freud afirma “[...] o alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer.” (FREUD, 2006h, p. 37). No trecho seguinte, o autor afirma que leu o filósofo tarde em sua vida, mas apesar disso, podemos encontrar trechos em que o psicanalista comenta a obra de Schopenhauer, como quando discorre sobre a morte ou quando diz que “[...]o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver” fazendo uma referência direta ao filósofo (FREUD, 2006f, p.13).

E por fim, Freud (2006e, p. 89) reconhece que a psicanálise não foi a primeira a tomar contato com o inconsciente que, inclusive, Schopenhauer foi um desses precursores, pois sua “[...] vontade inconsciente equivale aos instintos mentais da psicanálise”. Essa similaridade é reconhecida pelo próprio psicanalista, e nós concordamos com ela, pois pode ser facilmente percebida. Entretanto, o que tentamos aqui foi demonstrar em quais pontos podemos aproximar os conceitos de pulsão freudiana e vontade schopenhauriana, e, também, problematizar de que forma Freud citou a obra de Schopenhauer. Nesse sentido, talvez, não importem as críticas feitas ao psicanalista sobre o uso da obra do filósofo, pois a obra de Freud tem sua notável importância e podemos tomar contato com ela em conjunto com a obra de Schopenhauer, debatendo questões e problematizando as demandas que possam surgir.

NOTAS

¹A pequena porção que aparece acima da superfície da água consiste do consciente – nosso pensamento corrente – e do pré-consciente, todas as informações que no momento não estão “em nossa mente”, mas que poderíamos trazer à consciência se assim quiséssemos (por exemplo, o nome do presidente dos Estados Unidos). A massa muito maior do iceberg abaixo d’água representa o inconsciente, um

depósito de impulsos, desejos e memórias inacessíveis que afetam nossos pensamentos e comportamento. (ATKINSON et al., 2002, p. 476).

² O conceito de inconsciente de Schopenhauer é anterior a Freud.

³ Os termos “espaço” e “tempo” dariam origem à pluralidade, sendo também chamados de princípio de individuação.

⁴ Mudanças que percebemos em nosso cotidiano.

⁵ O homem percebe-se livre – pseudolivres – quando age contrariando as impressões momentâneas.

⁶ Dia em que não trabalhamos, manifestam-se, principalmente, a angústia e o tédio.

AUTOR

Clara Guimarães Santiago - Mestrado em andamento em Ensino, História, Filosofia da Ciência e Matemática pela UFABC. - E-mail: claragui@gmail.com

REFERÊNCIAS

ASDURIAN, V. A dicotomia da vontade para a vida em Arthur Schopenhauer. **Revista inquietude: Goiânia**, v. 1, n. 1, p. 86-97, 2010.

ATKINSON, R. L. et al. **Introdução à psicologia de Hilgard**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARBOSA, J. Uma terapia para ser menos infeliz no inferno: sabedoria de vida e prudência em Schopenhauer. **Revista Adverbum**. p. 119-124, 2008.

CUNHA, M.V. **Psicologia da educação**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

DAMASCENO, M. H. A noção de não consciente dos filósofos e o inconsciente freudiano. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2005.

FONSECA, E. R. **Psiquismo e vida: o conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche**. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Delta, 10 v., 1959.

_____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, 23 v., 2006a.

_____. A interpretação de sonhos II e Sobre os sonhos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica vol. 5, 2006b.

_____. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, v. 7, 2006c.

_____. Duas histórias clínicas: O Pequeno Hans e o Homem dos ratos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, v. 10, 2006d.

_____. Uma neurose infantil e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, v. 17, 2006e.

- _____. Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, v. 18, 2006f.
- _____. O Ego e o Id e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, v. 19, 2006g.
- _____. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, v. 20, 2006h.
- _____. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Eletrônica, v. 23, 2006i.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LOPARIC, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. **Winnicott e-prints**, v. 1, n. 1, p. 1-29, 2006.
- PISANI, M. M. Utopia e psicanálise em Herbert Marcuse. **Trans/Form/Ação**, v. 29, n. 2, p. 203-217, 2006.
- SAFATLE, V.; MANZI FILHO, R. (Orgs.). **A filosofia após Freud**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.